




Imagem gerada por IA (*Midjourney*) a partir dos termos: the anatomy of anarchism



# ENTRE ANJOS E HOMENS: A PERSPECTIVA DA HISTÓRIA DE IDEIAS EM *O HOMEM SEM QUALIDADES*, DE ROBERT MUSIL

Victor Hermann  [0000-0002-3403-4693](https://orcid.org/0000-0002-3403-4693)  
Pesquisador independente

## Resumo

Neste artigo, investigamos a oposição entre história do mundo e história de ideias no romance moderno "*O homem sem qualidades*", de Robert Musil, uma obra icônica do início do século XX que aborda a fragmentação da experiência humana moderna e a desintegração da sociedade europeia. Examinamos como o senso de possibilidade afeta a elaboração de um enredo "em potencial", o realce de eventos "desimportantes", o emprego da ironia como tática narrativa e, por fim, a comparação entre perspectivas angelicais e humanas quanto à história. Ao explorar esses aspectos, nosso estudo busca ampliar a compreensão das abordagens inovadoras da literatura moderna no enfrentamento de questões complexas relacionadas à história e à catástrofe, destacando a relevância de analisar a história de ideias em contraposição à história do mundo.

## Palavras-chave

Robert Musil; *O homem sem qualidades*; história de ideias; literatura moderna; ironia.

## BETWEEN ANGELS AND MEN: THE PERSPECTIVE OF HISTORY OF IDEAS IN *THE MAN WITHOUT QUALITIES*, BY ROBERT MUSIL

## Abstract

In this article, we investigate the opposition between world history and the history of ideas in the modern novel "The Man Without Qualities" by Robert Musil, an iconic work from the early 20th century that addresses the fragmentation of modern human experience and the disintegration of European society. We examine how the sense of possibility affects the development of a "potential" plot, the emphasis on "unimportant" events, the use of irony as a narrative tactic, and ultimately, the comparison between angelic and human perspectives on history. By exploring these aspects, our study aims to broaden the understanding of innovative approaches in modern literature when dealing with complex issues related to history and catastrophe, highlighting the relevance of analyzing the history of ideas in contrast to world history.

## Keywords

Robert Musil; The Man Without Qualities; History of Ideas; Modernist Literature; Irony.

Submetido em: 24/04/2023

Aceito em: 07/06/2023

Como citar: HERMANN, Victor. Entre anjos e homens: a perspectiva da história de ideias em *O homem sem qualidades*, de Robert Musil. *(des)troços: revista de pensamento radical*, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. e45932, jan./jun. 2023.



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

## Introdução

"Robert Musil, romancista da desintegração da sociedade hierárquica e da cultura liberal-racional austríacas".<sup>1</sup> Assim um célebre historiador resumiu em uma única linha o lugar reservado ao autor de *O homem sem qualidades* no panteão de gênios austríacos do início do Século XX, que inclui Freud e Wittgenstein, Schoenberg e Klimt. Musil seria outro representante da cultura *fin-de-siècle* vienense, que Hermann Broch definiu como um "apocalipse alegre", uma forma de se viver o niilismo "com estilo".<sup>2</sup>

Tornou-se um lugar comum tentativas como essa de sintetizar a obra desse romancista que, segundo Maurice Blanchot, gozava do destino peculiar de ser "mais comentado do que lido".<sup>3</sup> Com frequência temos a chance de ler que Musil teria sido, ao lado de Joyce e Proust, um "radical renovador da técnica romanesca"; ao lado de Hoffmanstahl, "um crítico lúcido do perigo emergente do fascismo"; ao lado de Freud, um "analista clínico do mal-estar da modernidade"; ao lado de Benjamin, um "cronista da fragmentação da experiência moderna"; ao lado de Nietzsche, um "irônico adepto da filosofia niilista" etc.<sup>4</sup>

Mas aqueles que leram o calhamaço inacabado devem enxergar certa ironia nessas tentativas de se fixar Musil em um quadro histórico. Afinal, palavras como "niilismo", "cultura *fin-de-siècle*", "modernidade", "progresso" – assim como "sentimento político austro-húngaro", "destino da Europa", "tempos sem alma" e outras tantas expressões que as personagens musilianas não param de repetir com ênfase e comoção – são bons exemplos do que Musil chama de *grandes ideias*, dessas "sobre as quais muitos livros bem-informados e inteligentes se escreveram desde então"<sup>5</sup> e que por isso mesmo, ironiza o narrador de *O homem sem qualidades*, não haveria qualquer necessidade de se aprofundá-las, de tal modo que o leitor deva "receber com prazer a afirmação de que, nem aqui nem mais adiante, faremos a duvidosa tentativa de pintar um quadro histórico e competir com a realidade".<sup>6</sup>

Ocorre que, em *O homem sem qualidades*, tanto a história quanto a realidade e a ideia vão desempenhar outro papel, irreduzível à tarefa de fornecer uma explicação teleológica, causal e unificada dos acontecimentos históricos. Ulrich, protagonista da trama e alter ego de Musil, apresenta o "programa de viver-se uma *história de ideias* em vez de uma história do mundo";<sup>7</sup> que parte do pressuposto de que "se existe um senso de realidade, tem de haver *senso de possibilidade*";<sup>8</sup> e que considera que entre as duas histórias "a diferença estaria menos nos acontecimentos do que no significado que lhes conferissem, na intenção que ligassem a eles, no sistema que abrangesse os acontecimentos isolados".<sup>9</sup> Esse sistema, conforme veremos, não visa a composição de

<sup>1</sup> SCHORSKE, *Fin-de-siècle Vienna*, p. 336.

<sup>2</sup> BROCH *apud* JOHNSTON, *The Austrian mind*, p. 31.

<sup>3</sup> BLANCHOT *apud* ROSENFELD, *Pandaemonium germanicum*, p. 17.

<sup>4</sup> Para uma revisão abrangente das diversas modalidades de leitura realizadas sobre a obra, ver: MEHIGAN. *The critical response to Musil's the man without qualities*.

<sup>5</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>6</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>7</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>8</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>9</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

quadros históricos, mas a descrição de um "estado de coisas" regido pelo "princípio da causa insuficiente".

No presente artigo, vamos explorar em linhas gerais essa hipótese de uma história de ideias. Embora existam inúmeros estudos sobre a visão histórica de Musil, não foi possível encontrar um estudo que analisasse detalhadamente a oposição assinalada entre história do mundo e história de ideias. O artigo será estruturado da seguinte maneira: primeiro, faremos um breve resumo da trama, buscando mostrar como a própria estrutura do romance – sua inércia e inacabamento – reflete uma consideração sobre a história; em seguida, destacaremos a função da ironia na interpretação dos acontecimentos históricos; por fim, contraporemos o ponto de vista dos homens ao dos anjos, o que nos permitirá concluir com uma síntese comparativa entre a história do mundo e a história das ideias.

Ciente do desafio de abordar um romance monumental, nesse artigo optamos por dar maior espaço à própria obra, já volumosa, em detrimento da análise de comentaristas. O leitor encontrará nas notas de rodapé as referências aos estudos críticos que embasam, aprofundam e/ou contradizem as análises que vamos tecer sobre *O homem sem qualidades*.

## 1. A estrutura inacabada

---

A narrativa de *O homem sem qualidades* começa em agosto de 1913, a partir de um atropelamento, e prossegue até agosto de 1914, vésperas da Primeira Guerra Mundial. Musil trabalhou no romance, que restou inacabado, de 1924 até 1942, data de sua morte repentina. Acompanhamos o desenvolvimento da Campanha Paralela, plano da elite austríaca para celebrar os 70 anos de reinado do imperador Francisco José I e demonstrar a supremacia do Império Austríaco. Trata-se, como se vê, de uma motivação fraca para um enredo; ao longo das mais de mil páginas muito pouco ocorre – a Campanha Paralela, na prática, não passa de uma "conversa interminável"<sup>10</sup> entre diplomatas, aristocratas ociosos, musas diletantes, membros do exército e magnatas industriais, entre outros, em torno de ideias igualmente vagas, tais como "verdadeiro espírito austríaco", "promoção da paz", "amor à pátria", "idealismo", "genialidade" etc. À primeira vista, falta ao romance uma trama em sentido clássico, pois não há um encadeamento de eventos com forte nexos causal. O pouco que acontece de concreto é, para falar como Musil, "desimportante". Ainda que o leitor atento suspeite que a iminente Primeira Guerra Mundial esteja por trás dessa tagarelice, o romance evita fornecer um quadro histórico explicativo. Assim, *O homem sem qualidades* teria apenas uma "possibilidade" de trama ou um "potencial" de enredo.<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> ANTER, *Eurostudies*, p. 7.

<sup>11</sup> "A campanha é mostrada como existindo originalmente apenas na forma de uma ideia vaga, manifestando-se primeiro em associações verbais soltas, depois em uma carta circular e, finalmente, em um comunicado de imprensa. É, portanto, uma alegoria do que se pode fazer com palavras. A campanha só existe porque as pessoas começam a falar dela. De início, a trama principal do romance tem a particularidade de ser apenas a possibilidade de se tornar uma trama; tem o potencial de um enredo porque é falado e escrito sobre... Assim, o próprio andamento do romance depende de forma peculiar da criação de uma história que relata como as histórias são feitas". In: SEBASTIAN, *The Intersection of Science and Literature in Robert Musil's The Man without Qualities*, p. 93.

Muito se discutiu acerca do caráter ensaístico da obra; alguns teóricos chegam a sugerir que os acontecimentos da trama funcionam como pretexto para os comentários filosóficos de Musil. De fato, o escritor ambicionava escrever um livro de filosofia de modo diverso, sem a necessidade de sistematizar as ideias de modo “unívoco” (veremos o sentido dessa palavra mais adiante). Em todo caso, o sentido de “enredo em potencial” pode ser interpretado de outro modo. Sabemos que *O homem sem qualidades* é um romance inacabado. Todavia, ao examinarmos sua estrutura, constatamos a impossibilidade de haver um “fim do romance”, no sentido benjaminiano, como corte arbitrário imposto pelo autor cuja função seria dar ao leitor o acesso a uma experiência divinatória das reminiscências.<sup>12</sup>

Com base na teoria do romance de Lukács, Benjamin defendeu que o romance moderno seria conduzido pela cisão entre sentido e vida, entre o essencial e o temporal. A motivação para o enredo residiria precisamente na luta das personagens contra o poder do tempo, um conflito perturbador que os impede de conceberem de forma autêntica e significativa o sentido de suas vidas. Por essa razão, Benjamin propunha que todo romance moderno caminhará para o fim do romance – o desfecho pré-determinado, o ponto final que encerra arbitrariamente o último parágrafo do livro impresso, mas também, preferencialmente, a morte, seja ela figurada ou literal, da personagem. Caberia ao romancista, segundo ele, a tarefa de cifrar ao leitor o fatal destino das personagens; o prazer da leitura estaria em avidamente desvendar esses indícios que a própria personagem, enredada na turbulência do tempo, seria incapaz de interpretar. Pois o leitor, ele mesmo, experimenta, em sua vida cotidiana, a falta de sentido; e o que o atrai ao romance é justamente, escreve Benjamin, “a esperança de aquecer sua vida gelada com a morte descrita no livro”.<sup>13</sup> Ao impor um fim arbitrário à trama – que, ao contrário das narrativas orais tradicionais, proíbe qualquer desdobramento imaginativo do enredo – o romancista abala o leitor. Seu objetivo é revelar o “puro em si da coisa narrada”,<sup>14</sup> qual seja, o caráter indecifrável do poder do tempo capaz de arrastar consigo o destino das personagens. Sob o impacto desse choque causado pelo final do romance, o leitor se sentiria compelido a revisitar suas reminiscências – as do enredo e de sua própria vida, que doravante se entrelaçam – e seria neste momento que a experiência de apreensão divinatória do sentido da vida, inalcançável na existência cotidiana, se revelaria ao leitor a partir do trágico destino da personagem enquanto “sentido da vida, inatingível e, portanto, inexprimível”.<sup>15</sup>

Em *O homem sem qualidades*, o caráter ensaístico da trama desafia, a cada instante, a cisão entre sentido e vida, tornando impossível a ocorrência do fim do romance no sentido benjaminiano. Em primeiro lugar, Ulrich se furta à ação sempre que pode, e põe-se constantemente a refletir sobre o caráter contingente dos fatos e sujeitos, ou mais precisamente, sobre a possibilidade de que tudo ocorresse de modo diferente ou até mesmo inverso. Em segundo lugar, a falta de qualidades e particularidades do protagonista impede qualquer personalização e/ou individualização do sentido da vida; Ulrich é, senão, o reflexo translúcido “do mundo moderno e desencantado, da razão instrumental e das inúmeras chances de redenção que a alma vê abrir diante de si sobre

---

<sup>12</sup> BENJAMIN, *O narrador*, p. 229.

<sup>13</sup> BENJAMIN, *O narrador*, p. 231.

<sup>14</sup> BENJAMIN, *O narrador*, p. 221.

<sup>15</sup> LUKÁCS cit. por BENJAMIN, *O narrador*, p. 229.

a marcha das ideias<sup>16</sup> – algo que ele próprio tem perfeita consciência. Esses dois aspectos, a falta de particularidades e a consciência autorreflexiva que se furta à ação e à tomada de decisão, esvaziam o embate necessário para o fim do romance benjaminiano, qual seja, a luta tensionada entre destino individual e o poder do tempo. Esta é, aliás, uma das conquistas da *utopia do ensaísmo*, já bastante discutida pela fortuna crítica, e perseguida tanto pelo autor quanto seu alterego – “a busca de Ulrich por um modo de vida ensaístico, em que o mundo das possibilidades prevalecesse sobre o real, confunde-se assim com a do escritor Musil de, através da literatura, ‘modificar o mundo através do espírito’”.<sup>17</sup>

Mas há ainda um outro fator decisivo que impossibilita a ocorrência do fim do romance no sentido assinalado. A própria estrutura de *O homem sem qualidades* foi concebida de tal modo que cada acontecimento narrado, em relação aos demais fatos da trama e em vista do pano de fundo conhecido pelo leitor – a eclosão da Primeira Guerra Mundial –, pode ser considerado tanto início quanto fim *possível* da trama. Senão, vejamos.

Consideremos o pequeno acontecimento que abre *O homem sem qualidades*. Um homem e uma mulher da alta sociedade caminham por uma rua larga e movimentada da capital austríaca e param de súbito diante de um tumulto. Poucos instantes antes, um pesado caminhão freara bruscamente, sem conseguir evitar o atropelamento de um homem. Eles se aproximam para observar a vítima, que parece morta. Diante do corpo inerte, a dama sente-se tomada por uma sensação vaga, paralisante, uma “sensação ruim no coração e no estômago, que tinha o direito de considerar compaixão”.<sup>18</sup> Enquanto isso, a turba comenta a culpa da vítima, que parecia distraída, e alguns ajoelham-se junto a ela para abrir ou fechar seu casaco, sentá-la ou acomodá-la na beira da calçada. Assim, cada um passa o tempo até a chegada da ambulância. Após hesitar um pouco, o cavalheiro diz à sua companhia: “Os caminhões pesados que se usam aqui têm um tempo de frenagem longo demais”. Essa frase produz alívio imediato na dama, que desconfia já ter “ouvido antes aquela expressão, mas não sabia o que era, nem queria saber; bastava-lhe que aquilo explicasse o terrível acidente, reduzindo-o a um problema técnico, que já não a interessava diretamente”.<sup>19</sup> Talvez estimulado pelo efeito produzido, o homem continua conjecturando sobre as estatísticas de acidente de automóvel nos EUA, até que a ambulância chega, causando boa impressão pela rapidez e eficiência, de tal modo que a sensação que fica do episódio já não era de horror, mas de que “acontecera um fato dentro da ordem e da legalidade”.<sup>20</sup> Esse capítulo, sugestivamente intitulado “Do qual singularmente nada se depreende”, encerra-se abruptamente com o seguinte diálogo: “— Acha que ele está morto? — perguntou sua acompanhante, ainda com a sensação injustificada de ter visto algo fora do comum. — Espero que esteja vivo — respondeu o senhor. — Parecia vivo quando o colocaram no carro”.<sup>21</sup>

Esse acontecimento, aparentemente insignificante e imperceptível aos olhos da história, é ressignificado pela sugestão feita pelo narrador de que o casal em questão *poderia ser* Paul Arnheim e Ermelinda Tuzzi – embora estes não estivessem em Viena

<sup>16</sup> COMETTI, *Musil Philosophie*, pp. 156-157.

<sup>17</sup> CASTRO, *Sobre o ensaísmo de Musil*.

<sup>18</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>19</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>20</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>21</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

naquela ocasião. Estas são duas personagens centrais da Campanha Paralela. Ermelinda, ou Diótima, é uma espécie de musa vienense da filosofia, fruto da “onda de romantismo açucarado e nostalgia de Deus, que por algum tempo a era da máquina fazia jorrar contra si mesma como manifestação de protesto artístico e intelectual”.<sup>22</sup> Bela, culta e dotada de uma sensibilidade repleta de presságios, Diótima contribui apaixonadamente para a Campanha, buscando associar o reino de Francisco José I a ideias vagas de tradição, progresso, paz e felicidade porque, para ela, “a verdadeira Áustria é o mundo inteiro”<sup>23</sup> e “qualquer sentimento que não seja ilimitado é inútil”.<sup>24</sup> Entre seus admiradores, está o Conde Paul Arnheim, um magnata industrial prussiano e escritor prolífico (seu personagem foi baseado em Walter Rathenau). Sua ambição maior é trazer “ideias para as esferas do poder” através da união entre “alma e economia”. Seus textos – que abrangem desde a floração do Himalaia até a psicanálise, a teoria da relatividade e “todas as outras conquistas que impedem um tempo eivado delas de produzir pessoas boas, íntegras e homogêneas”<sup>25</sup> – fornecem ao leitor sínteses tranquilizadoras, garantindo que a verdade é sempre simples e acessível a todos. Sobre as ideias de Arnheim, Ulrich comenta ironicamente que “muitas pessoas dizem coisas parecidas hoje em dia”, mas que ele certamente possuía autoridade para dizê-las, pois era “um homem importante e rico que certamente conhece muito bem tudo aquilo de que fala, e esteve pessoalmente no Himalaia, tem automóveis e usa anéis de benzeno, quantos quiser”.<sup>26</sup> Unidos pela Campanha Paralela, Arnheim e Diótima sentem-se atraídos, mas seu amor acaba irrealizado, cercado de perplexidades. O idealismo de Arnheim aos poucos cedia a seus verdadeiros interesses. Ele buscava controlar campos de petróleo austríacos – combustível tanto para o caminhão que atropelou o pobre homem distraído quanto para os aviões e tanques que logo devastarão a Europa: “as jazidas de petróleo da Galícia, que, por assim dizer, formam uma só questão com essa história dos canhões”.<sup>27</sup>

A história de ideias associa os acontecimentos não por lógica causal, mas ressaltando as pontas soltas da história – instantes suspensos em que se pode vislumbrar a possibilidade de que tudo viesse a acontecer de outra maneira. Os dois eventos – atropelamento e guerra – estão entrelaçados pela experiência de perplexidade, a sensação de topar com um vazio do qual “*singularmente* nada se depreende”, em torno do qual as personagens e os acontecimentos se tornam intercambiáveis. Diótima e Arnheim reagem ao destino trágico da Europa de maneira similar à dama e ao cavalheiro diante do cadáver atropelado. Para ambos, é uma ocorrência inevitável e tecnicamente explicável, mas capaz de gerar desconforto, o que leva à necessidade de um amor inadequado. Contudo, nem esse amor dissimulado, nem as análises estatísticas, nem a encenação dos cuidados técnicos serão suficientes para amenizar a marca singular que os acontecimentos deixam em seus espíritos. No fundo dessa experiência o narrador identificará a possibilidade de emergir uma outra história.

Em toda a obra, os personagens se deparam com algo de inexplicável, incompreensível; fatos, pensamentos ou sentimentos que eles não conseguem processar. No instante seguinte retomam suas vidas como se nada tivesse efetivamente acontecido.

---

<sup>22</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>23</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>24</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>25</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>26</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>27</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

Mas o narrador vai comentar o que torna cada experiência singular, o que nos permite entrever que tudo poderia ter acontecido de outra maneira. Na verdade, o narrador sabe que seria altamente improvável que as coisas ocorressem de forma diferente – *improvável, mas não impossível*. Assim, com um sorriso irônico, o narrador revela a inquietante consciência de que o impossível, paradoxalmente, determina e move o possível.

Assim sendo, o enredo se organiza em torno de acontecimentos, ao invés de ações. Daí a sensação de incompletude, ao mesmo tempo de uma narrativa em potencial. Os amores, as ideias, as ações reais interessam menos que as atrações fugidias, os fragmentos de pensamentos, os gestos jamais realizados. Por isso mesmo, seria errôneo considerar que o encontro trágico entre o caminhão e o homem distraído *simboliza* o destino da Europa moderna rumo à Primeira Guerra Mundial.<sup>28</sup> A história de ideias não distingue os eventos em termos de importância, o que permitiria um evento anteceder, explicar, causar ou conter um outro. A história de ideias leva em consideração somente a singularidade dos acontecimentos, isto é, a margem de tudo aquilo que determina a improbabilidade, mas não a impossibilidade de que a história pudesse desdobrar-se de outra maneira. Nesse sentido, Musil compreende os acontecimentos de modo análogo ao que Bruno Latour vai identificar na obra do sociólogo Gabriel Tarde, a percepção de que “o grande (Estados, organizações, mercados) é uma amplificação, mas também uma simplificação do pequeno”.<sup>29</sup> Ser atropelado por um caminhão é mais fácil do que ser vítima de um míssil; por isso, é mais difícil reagir ao cadáver atropelado do que à deflagração de uma guerra. Se alguém, diante do homem distraído atropelado, sentiu o torpor de uma perplexidade capaz de levá-la a mudar seu comportamento, nenhuma explicação parece suficiente para afirmar, ao contrário do que sugerem os livros de história, que a guerra seria inevitável devido à sequência de fatos históricos que a antecederam.

Assim temos, em linhas gerais, a história de ideias assentada num senso de possibilidade. Musil não distingue os grandes dos pequenos acontecimentos em termos de importância ou de força de causação. Cada acontecimento contém em si a possibilidade de tornar-se outro, e cada partícula cotidiana contém em si a mesma potência deflagradora de um grande evento histórico, seja ele passado ou futuro. A história, observada de perto, é repleta de acontecimentos improváveis dos quais nada singularmente se depreende, um pouco como “um floco de neve caindo sozinho bem no meio de um dia de verão. Mas no instante seguinte isso nada mais explicava”.<sup>30</sup> Seguindo

---

<sup>28</sup> “Além de desempenhar a função metafórica normal em relação à realidade, a metáfora nessas obras [*O homem sem qualidades* e *Em Busca do Tempo Perdido*] assume um papel mais especializado, o de apresentar outras variações imaginativas às variações imaginativas básicas de cada mundo ficcional em si”. In: GRILL, *The World as metaphor in Robert Musil's The Man Without Qualities*, p. 60.

<sup>29</sup> “Mas, sem que isso cause surpresa, é Tarde quem nos apresenta as ideias mais radicais sobre o material necessário para que uma atividade se manifeste. É a consequência de sua interpretação dos vínculos entre o grande e o pequeno que já usei nos capítulos precedentes. O grande (Estados, organizações, mercados) é uma amplificação, mas também uma simplificação do pequeno. Só Tarde poderia inverter o senso comum a esse ponto, declarando: “Assim também há, em geral, mais lógica numa frase que num discurso, num discurso que numa série ou grupo de discursos; há mais lógica num rito do que numa religião inteira, num artigo de lei do que no código todo, numa teoria científica do que no corpo da ciência; e há mais lógica numa peça executada por um artífice do que na soma total de seu desempenho” (LATOURE, *Reagregando o Social*, p. 346).

<sup>30</sup> MUSIL, *Five Women*, p. 119.



essa metáfora, podemos dizer que os acontecimentos, sob a ótica da história de ideias, são como partículas de água, que contêm em si o potencial tanto de oxigênio e hidrogênio quanto de oceanos e nevascas. Ainda que uma partícula esteja em um estado específico num dado momento, isso nunca é suficiente para *excluir completamente* a possibilidade de que a mesma partícula pudesse assumir outro estado no mesmo instante e/ou local. É altamente improvável, mas não impossível, que um floco de neve se forme numa tarde de verão – e quem notaria, caso ocorresse? Da mesma forma, parece improvável, mas não impossível, que a Primeira Guerra Mundial não estourasse – e é justamente essa possibilidade, revelada nas experiências de perplexidade, que Musil persegue em *O homem sem qualidades*. Para a história de ideias, uma ocorrência nunca é suficiente para excluir por completo a possibilidade de que outro acontecimento pudesse ocorrer em seu lugar.

O interesse pelas pontas soltas da história, pelos acontecimentos sem força causal, faz com que a ação no romance se torne mais lenta e elimina a necessidade de um enredo guiado pela ação. Nesse sentido, argumentamos que, se o romance está factualmente inacabado, podemos igualmente dizer que está potencialmente concluído, desde as primeiras páginas. O que equivale a dizer que *O homem sem qualidades* é ao mesmo tempo *um romance inacabado e inacabável*. O desenvolvimento da narrativa vai se justificar menos pelo encadeamento do enredo que pela elaboração crítica de uma nova consciência capaz de enfrentar isso “do qual singularmente nada se depreende” – isto é, o acontecimento singular, a irrupção do improvável e no seio do tecido redundante e tendencioso da realidade.

## 2. O método irônico

---

A singularidade de um acontecimento é formada, de um lado, pelo caráter contingente dos eventos e, por outro, pela experiência de perplexidade. Pois o potencial de subversão da história se liga também às potencialidades do espírito humano, que é irredutível ao sujeito histórico. Assim explica Musil, em um de seus ensaios, sua abordagem da história:

A guerra pode ter tido mil causas diferentes, mas é inegável que cada uma delas – o nacionalismo, o patriotismo, o imperialismo econômico, a mentalidade dos generais e dos diplomatas, e tudo mais – *está ligada a certas pré-condições espirituais que caracterizam uma comunidade comum* e, portanto, codeterminam a situação. Era como dormir em um vagão Pullman de um trem e ser acordado apenas por uma colisão.<sup>31</sup>

Como já pudemos antecipar na cena do cadáver atropelado, Musil aponta para o descompasso entre espírito e máquina, entre consciência e função. Em seu tempo, as pessoas ainda se davam importância dizendo que “são rápidas como o vento e têm visão aguçada, mas não como um telescópio gigante, e sim como uma águia”.<sup>32</sup> Do mesmo modo, os engenheiros continuavam usando ternos “feitos como os primeiros automóveis”,<sup>33</sup> e

---

<sup>31</sup> MUSIL, *Precision and Soul*, p. 126.

<sup>32</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>33</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

não sabiam falar de outra coisa além da sua própria profissão, porque sequer imaginavam poder aplicar a si próprios as ideias audaciosas que aplicavam às suas máquinas, o que provavelmente deviam achar “tão antinatural quanto usar um martelo para matar”.<sup>34</sup> Assim, tudo que puder marcar essa divisão – como as estatísticas de acidentes de carro nos EUA – trará alívio ao espírito confrontado pela catástrofe produzida pelas máquinas. A premissa aqui assemelha-se às considerações de Paul Valéry, que escreveu sobre a modernidade:

O instrumento tende a desaparecer da consciência. Nas conversas do dia a dia, costumamos dizer que sua operação se tornou automática. O que devemos deduzir disto é esta nova equação: agora a consciência existe apenas para os acidentes. (...) Tudo que se torna capaz de recomeço e repetição torna-se obscuro, resta silencioso. A função existe apenas no exterior da consciência.<sup>35</sup>

Uma das citações mais célebres de *O homem sem qualidades* é a afirmação de que no mundo moderno “é mais provável encontrar-se uma coisa fora do comum em jornais do que experimentá-la ao vivo; em outras palavras, hoje em dia as coisas mais importantes acontecem no abstrato, e as mais desimportantes no concreto”.<sup>36</sup> Essa citação dá a medida exata da importância da perplexidade em *O homem sem qualidades*. É justamente porque a Campanha Paralela não passa de tagarelice tediosa que devemos nos atentar para suas margens, onde proliferam fatos contingentes e experiências de perplexidade. Como se a função da Campanha Paralela fosse garantir a exclusão do espírito humano, por meio da nulidade do pensamento e do entediamento, do avanço das máquinas.

Mas é preciso um método para se atingir a experiência de perplexidade, afinal o próprio leitor de romances, como Benjamin já mostrava, está habituado a preencher com explicações e conjecturas as hesitações das personagens e busca antecipar o fim da história – o sentido divinatório – em tudo que acontece. Esse método é a ironia.

A célebre abertura do romance traz a marca indelével da descrição irônica. Musil dissecou a típica frase clichê romanesca “era um belo dia de agosto de 1913”, mostrando toda a complexa cadeia de acontecimentos atmosféricos por trás dela. Esse procedimento se repete em toda a obra. Ulrich sugere que muitas pessoas teriam ideias semelhantes à de Arnheim, embora este gozasse de maior autoridade para afirmá-las. É sugerido que o idealismo algo cômico de Diótima teria em sua origem “um pouco de silêncio, meiguice, reflexão e bondade, que nunca chegara a ter vazão”,<sup>37</sup> de tal modo que “o que ela chamava de alma não passava de um pequeno capital de capacidade amorosa, que possuía na época do casamento”.<sup>38</sup> Arnheim, sempre que “queria se lançar, como um satélite perdido, na massa solar de Diótima”,<sup>39</sup> recuava em nome da necessidade de se entregar de corpo e alma ao saber, ao cálculo, à medida, à ordem e ao dinheiro; assim como o Estado, que também procura uma espécie de redenção moral investindo anualmente “belas palavras e recursos financeiros (...) em instituições culturais inesgotáveis”.<sup>40</sup>

<sup>34</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>35</sup> VALÉRY apud VIRILIO, *The Unknown Quantity*, p. 4.

<sup>36</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>37</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>38</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>39</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>40</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

A ironia, como se vê, produz um efeito corrosivo nas descrições. O olhar irônico do narrador despe progressivamente as personagens, ações e eventos de suas "particularidades" (conforme sugere Maurice Blanchot traduzir a palavra alemã *eigenschaften*); para em seguida revelar as ideias em que elas se baseiam; que por sua vez também são dissecadas a ponto de se tornarem pouco mais crispações temporárias na superfície das potencialidades humanas – afinal, provavelmente até "Deus gostava de falar do seu mundo no *conjunctivus potentialis* (*hic dixerit quispiam* = aqui se poderia objetar...), pois era Deus quem fazia o mundo, pensando que bem podia ser de outra maneira".<sup>41</sup>

O homem sem particularidades não possui atributos socialmente reconhecíveis tais como profissão, interesses, personalidade e caráter fixos. De Ulrich, por exemplo, sabemos sequer seu sobrenome "em consideração ao seu pai".<sup>42</sup> E assim o é, explica Blanchot, "porque não quer acolher como sendo sua particularidade o conjunto de particularidades que lhe vêm de fora, e que quase todos os homens identificam ingenuamente com suas puras almas secretas, longe de ver nelas uma herança estrangeira, acidental e acabrunhante".<sup>43</sup> A escolha por despir-se de qualquer traço particular, comenta Blanchot, corresponde a um ideal de liberdade; mas o homem sem particularidades também reflete o mundo moderno em que vive. Pois até mesmo as grandes cidades não possuem particularidades, à medida que são feitas, escreve Musil, de "irregularidade, mudança, avanço, passo desigual, choque de coisas e acontecimentos, e, no meio disso tudo, pontos de silêncio, sem fundo; era feita de caminhos e descaminhos, de um grande pulsar rítmico e do eterno desencontro e dissonância de todos os ritmos"<sup>44</sup> – ao que o autor austríaco conclui ironicamente, como de praxe, com uma metáfora científica – "como uma bolha fervente pousada num recipiente feito da substância duradoura das casas, leis, ordens e tradições históricas".<sup>45</sup>

Em *O homem sem qualidades*, a ironia constitui um dos princípios de representação da história; ao adotar uma postura irônica diante dos fatos, Musil afasta-se da tarefa de compor um quadro histórico de sua época, tornando possível em contrapartida adotar um ponto de vista extemporâneo, que concebe a história, ironicamente, como a associação temporária resultante de um estado de coisas, de estados de espírito. Mais adiante, definiremos o que é um "estado". Por ora, basta destacar que a função da ironia no pensamento histórico de Musil é permitir uma descrição da realidade sob a perspectiva do senso de possibilidade. Graças a ela, o autor pode revelar tudo aquilo do qual "singularmente" nada se depreende, o "ponto de silêncio, sem fundo" que pulsa em cada ser e em cada acontecimento. Para descrever a história do ponto de vista de sua improbabilidade, o autor adota uma postura irônica diante dos fatos, opiniões, posturas e ações. O objetivo da ironia, todavia, não é denunciar a convivência dos homens com a catástrofe, o que reforçaria o senso de realidade. Não se trata de tecer comentários

---

<sup>41</sup> No capítulo em que Musil apresenta Ulrich, assim é descrita a relação da personagem com o patriotismo, um dos temas centrais da obra: "um verdadeiro patriota nunca deveria considerar sua pátria a melhor de todas (...) provavelmente também Deus gostava de falar do seu mundo no *conjunctivus potentialis* (*hic dixerit quispiam* = aqui se poderia objetar...), pois era Deus quem fazia o mundo, pensando que bem podia ser de outra maneira" (MUSIL, *O homem sem qualidades*).

<sup>42</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>43</sup> BLANCHOT, *O Livro por Vir*, p. 203.

<sup>44</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>45</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

sobre a história do mundo. Em vez disso, visa mapear os caminhos pelos quais o espírito deve se embrenhar, caso deseje emancipar a consciência dos acidentes.

Musil não cessa de apontar que, para cada enlace matrimonial, cada cidade emancipada, cada livro publicado, cada ato de governo, há um excesso de possibilidades não realizadas. Restam imensas sobras de afetividade sem vazão, fragmentos desconexos de pensamentos inarticulados, de ruínas que sobrevivem misteriosamente ao surgimento e ocaso de uma civilização. A história de ideias mostra que esse potencial tensiona a realidade, fazendo-a pulsar rumo à sua própria dissolução. Assim, em vez de tecer elogios às ações heroicas, a história de ideias revela a imensa carga de energia gasta para produzir uma situação banal, um evento corriqueiro, um amor indiferente, um livro cheio de platitudes. Afinal, como conclui Ulrich,

A atividade muscular de um cidadão que segue calmamente seu caminho um dia inteiro é muito maior do que a de um atleta que sustenta uma vez ao dia um peso enorme; isso foi comprovado fisiologicamente, e é provável também que as pequenas atividades cotidianas, na sua soma social e nessa capacidade de serem somadas, ponham muito mais energia no mundo do que as ações heróicas; sim, o heróico parece minúsculo como um grão de areia colocado sobre uma montanha com extraordinária ilusão.<sup>46</sup>

Observemos então como o autor descreve um amor irrealizado, irrealizável. Se Diótima casou-se por interesse com um diplomata, para pouco depois apaixonar-se por um magnata idealista, tudo isso soa um tanto previsível à luz de sua origem social, formação intelectual, compleição física robusta, rosto atraente etc. Em ambos os casos, o tecido redundante da realidade parece ter sido mais determinante que o tal "pequeno capital de capacidade amorosa" que ela possui. Assim como a era das máquinas vez ou outra fazia jorrar contra si o romantismo açucarado e a nostalgia de Deus, a profissão de diplomatas e magnatas industriais parece pressupor a existência de uma mulher bela, elegante e idealista. E, no entanto, mesmo em Diótima pulsa algo de irredutível à realidade. Como se vê no sutil e impotente jogo amoroso que ela e Ulrich experimentam, na contramão do enlace real com Arnheim. A aproximação acontece traiçoeiramente, no limiar dos corpos. Não é, todavia, inconsciente; embora sejam primos, ambos não escondem de si as flutuações eróticas que sentem (vale notar que também nesse caso um acontecimento menor alude à mesma potência de outro maior; a relação entre os primos Diótima e Ulrich lembra à deste com sua irmã). Nem Diótima nem Ulrich tomarão qualquer atitude em função desse jogo, que permanece assim desprovido de "realidade". Todavia, à medida que ambos admitem comungar dessa mera possibilidade, tudo que há de incompreensível e inexplicável na realidade vivida por eles se tornará mais claro. Diótima se tornará ciente daquilo "do qual singularmente nada se depreende", o caráter arbitrário, até mesmo insensato, da associação amorosa com Arnheim:

Uma delicada nuvem de emoção, nascida de algum canto do coração dela, desfizera-se num ressequido vazio. Talvez pela primeira vez ela encarasse claramente o fato de que suas relações com Arnheim levariam, a curto ou longo prazo, a uma decisão que poderia mudar toda a sua vida. Não se podia dizer que isso a deixasse feliz; mas tinha o peso de uma montanha real. A fraqueza havia passado. *Aquele "não fazer o*

<sup>46</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

*que se gostaria" tivera por um momento um brilho insensato, que ela já não entendia mais.*<sup>47</sup>

Já Ulrich adquirirá maior consciência de sua falta de particularidades. Sentindo-se desconcertado pela beleza altiva de Diótima, ele tergiversa sobre a paisagem, apontando para o fato de que "já muitos milhares de anos isso foi uma geleira. O mundo também não é inteiramente o que finge ser em cada instante (...) Como está vendo, a realidade destrói a si mesma!".<sup>48</sup> Pensamento que nos remete à metáfora do improvável floco de neve que irrompe em pleno verão, testemunhando talvez que há milhares de anos ali havia uma geleira. Então Ulrich, percebendo que sua tagarelice afastava Diótima, tentou ser mais franco:

— Há outra coisa que eu gostaria de lhe dizer. A sensação de ter chão firme de baixo dos pés e uma pele firme ao meu redor, que parece tão natural à maioria das pessoas, não é muito desenvolvida em mim. Procure lembrar como era na sua infância: uma cálida meiguice. E depois, como brotinho, a ânsia queimando nos lábios. Pelo menos em mim alguma coisa se recusa a acreditar que a idade madura seja o cume de uma evolução dessas. De certa forma sim, e de certa forma não. Se eu fosse uma Myrmeleonina, a borboleta-formiga, parecida com uma libélula, sentiria terror ao saber que há um ano fui o gordo e cinzento Myrmeleon, o formiga-leão que anda para trás e vive enterrada na beira das florestas sob um cone de areia, agarrando formigas pela cintura com suas garras, depois de as ter exaurido com um misterioso bombardeio de areia. Às vezes realmente sinto horror semelhante da minha juventude, embora naquele tempo eu tenha sido uma libélula, e agora devesse ser um monstro.

Ele próprio não sabia bem o que queria. Falando em Myrmeleon e Myrmeleonina macaqueara um pouco a erudição de Arnheim. Mas sua vontade era dizer: "me abrace, apenas por amabilidade. Somos aparentados; não inteiramente separados, e de forma nenhuma unidos; de qualquer modo, o extremo oposto de uma relação séria e digna".<sup>49</sup>

Em resumo, o procedimento irônico não serve apenas para despir os fatos e sujeitos de suas particularidades, mas também para revelar suas singularidades, indicando a possível comunhão de tudo que permaneceu irrealizado em um dado momento histórico. A história de ideias adota uma abordagem irônica porque busca conectar as pontas soltas da história, sonhando com o dia em que uma comunidade comum "ligada por certas pré-condições espirituais" possa vir a substituir a sociedade composta "da substância duradoura das casas, leis, ordens e tradições históricas" de que trata a história do mundo. Dessa forma, o romance descreve menos o destino de Diótima, mas sim como o "capital de capacidade amorosa" teria sido investido na decadente sociedade austríaca, mas também de que modo ele poderia dar origem a uma outra comunidade.

### 3. O ponto de vista dos anjos

Arnheim também se sentia perplexo diante Diótima. Dilacerado pela vontade de se entregar à amada, o que entrava em conflito com seu espírito racional e empreendedor, Arnheim chegava a experimentar algo além de "um sentimento de humana grandeza, nem

<sup>47</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>48</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>49</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.



mesmo um simples sentimento humano. Todo o vazio da eternidade aparecia naquele estado. (...) A sensibilidade já não respondia àquele excesso de cobrança, cujo único termo de comparação seria o desejo de, em companhia da amada, deixar-se lançar por um canhão para fora do mundo!"<sup>50</sup> E, no entanto, no papel de líder deste mundo, não se demoverá um passo sequer da missão de controlar parte do petróleo austríaco.

Ulrich, diferentemente de Arnheim, não "supervaloriza a sorte que têm o tempo e o espaço quando se encontram com ele formando o momento presente!"<sup>51</sup> Da mesma forma, a história de ideias não se concentra na caracterização do sujeito histórico. Prefere manter em suspenso a dúvida sobre o que o homem é capaz. Afinal, "um ser que não pode falar nem ser dito, que desaparece sem voz na massa humana, pequeno rabisco nos quadros da História, um ser como um floco de neve perdido em pleno verão, será ele realidade ou sonho, bom ou mau, necessário ou sem valor?"<sup>52</sup>

Essa perspectiva irônica e científica, no entanto, não deve ser confundida com a postura do empreendedor que destrói "criativamente" o mundo, agindo como o Deus do Velho Testamento, que criou o homem sem compreender ou sentir sua dor. De acordo com Franco Berardi, a sociedade neoliberal atual opera sob um fluxo temporal desprovido de emoção – excetuando-se os humores do mercado – e endossa a seleção natural como a única regra de convivência, seguindo a lógica competitiva da sobrevivência dos mais fortes.<sup>53</sup> Musil, pelo contrário, sonha com uma subversão afetiva do estado de espírito de sua época, e nisso vai acenar para o ponto de vista dos anjos, capazes de encarar amorosamente o "vazio da eternidade". Como a história de ideias adota essa perspectiva?

Antes de responder a essa pergunta, precisamos compreender o que significa *humanidade* para Musil. Ela somente existiria a partir da combinação tensionada entre dois elementos básicos da vida, *a univocidade e o símbolo*.

Univocidade é a lei do verdadeiro pensar e agir, que reina tanto numa obrigatória conclusão da lógica quanto no cérebro de um chantagista que empurra à frente, passo a passo, a sua vítima; ela nasce das necessidades da vida, que levariam à morte se as relações não se pudessem conformar univocamente. O símbolo, em contrapartida, é aquela ligação de ideias que reina no sonho, é a deslizante lógica da alma, à qual corresponde o parentesco das coisas nas intuições da arte e da religião; mas também o que há na vida de mera simpatia e antipatia, harmonia e repulsa, admiração, submissão, liderança, imitação e seus opostos, essas múltiplas relações do ser humano consigo mesmo e com a natureza, que ainda não são puramente objetivas e talvez nunca o sejam, só se podem conceber como símbolos.<sup>54</sup>

Para Musil, "humanidade" não significa nada além dessa eterna tentativa de se associar símbolo e verdade. Por isso mesmo, a humanidade pode ser perdida a qualquer momento. Basta que se abdique coletivamente da tarefa de produzir associações entre as duas metades da vida.

Na modernidade, a univocidade se contrapõe ao símbolo. Arnheim é um dos exemplos de personagens interiormente cindidos, incapazes de se reconciliarem com a própria humanidade. Para ele, toda moral possui uma lógica: trata-se de avaliar se os interesses ferem ou não os mandamentos. Mas a lógica se baseia na regularidade; e é

<sup>50</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>51</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>52</sup> MUSIL, *Five Women*, p. 120.

<sup>53</sup> BERARDI, *Heroes: Mass Murderer and Suicide*.

<sup>54</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

preciso que as experiências se repitam para que se possa extrair delas uma moral. Sem a repetição, “jamais poderíamos pronunciar a profunda verdade de que A é igual a A, ou que o maior não pode ser o menor; *ficaríamos simplesmente sonhando*, estado que repugna aos pensadores”.<sup>55</sup> Mas em uma era como a nossa, em que os acontecimentos mudam como num torvelinho em que nada se repete, aonde mais a moral e a razão poderiam ancorar sua lógica? Somente o dinheiro ainda preserva sua qualidade de repetitividade ao longo da história; “ele consta dessa qualidade e, na medida em que tem valor, divide todos os prazeres do mundo em bloquinhos de poder aquisitivo com os quais podemos construir o que desejamos”.<sup>56</sup> Mas para fazer triunfar a univocidade, repetitividade e solidez – sem as quais nenhuma empresa pode esperar obter sucesso no mercado – Arnheim terá de renunciar a todo sonho, inclusive o despertado por aquela “estátua antiga com suas agradáveis formas modernas e arredondadas”.<sup>57</sup>

A Era Moderna, de acordo com Ulrich, aspira a separar a verdade da “espuma” do símbolo, mas nunca consegue se libertar completamente da necessidade do símbolo, que continua a ofuscar o horizonte do progresso com “nuvens de vapor” ameaçadoras. As tentativas de estabelecer de forma unívoca os conceitos e regras da vida moral moderna – por meio do nacionalismo, patriotismo, imperialismo econômico etc. –, no final de toda tagarelice que geram, permanecem impotentes para intervir na circulação de dinheiro e são incapazes de produzir seres humanos, exceto “símbolos cozidos cercados por um insuportável vapor gorduroso de humanidade”.<sup>58</sup> Daí a importância do método irônico, capaz de revelar a “alma mal embutida” na experiência moderna:

Somos violentos porque a univocidade da violência funciona como uma redenção depois de longas conversas sem resultado. Reunimo-nos em grupos porque a obediência permite fazer tudo o que já há muito não poderíamos mais fazer por convicção própria, e a hostilidade desses grupos confere aos homens a reciprocidade incansável da vingança cruenta, enquanto o amor em breve arrefeceria. Isso tem bem menos a ver com a questão de os homens serem bons ou maus, do que com o problema de terem perdido o legame entre elevação e baixeza. (...) A junção de uma cosmovisão com atividades que não a admitem, como a política; a ânsia generalizada de logo transformar um ponto de vista em uma tomada de posição, e de considerar qualquer tomada de posição como ponto de vista; a necessidade dos fanáticos de todas as colorações de repetirem à sua volta, como numa sala de espelhos, uma revelação que lhes foi feita — todos esses fenômenos tão populares não significam o que desejariam significar: uma luta pela humanidade, mas, ao contrário, a inexistência desta.<sup>59</sup>

Ulrich e Arnheim concordam neste ponto, embora Arnheim acredite que, assim que o dinheiro se torna o único fundamento lógico da moral e da razão, a violência se transforma no único critério de sociabilidade. Afinal, conclui o magnata, “o dinheiro não é um método tão seguro como a violência para tratar as relações humanas?”.<sup>60</sup> O dinheiro dispensa o uso de violência, porque constitui uma forma flexível, espiritualizada, criativa, em suma, *espiritualizada* de empregar a violência. Os negócios civilizam a violência, vestindo-a com a aparência da liberdade. Acaso encontrasse com Deus, Arnheim

<sup>55</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>56</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>57</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>58</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>59</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>60</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

desejava poder dizer-lhe que "o capitalismo, como organização do egocentrismo segundo a hierarquia da capacidade de obter dinheiro, é a ordem mais elevada e mais humana".<sup>61</sup>

Ulrich também se sentia cindido. Havia "dois Ulrichs (...) um olhava em torno sorrindo, e pensava: 'Ali eu quis desempenhar um dia um papel, entre cenários como esses'", mas o outro "cerrava os punhos, com dor e raiva".<sup>62</sup> *O homem sem qualidades*, ao contrário do magnata industrial, almejava não o dinheiro, mas a genialidade, e para seu malogro o "segundo Ulrich não encontrava palavras".<sup>63</sup> Desde criança havia decidido se dedicar à "luta pela moral de sua atividade espiritual, como convém a um gênio, empregando todas as forças do seu talento".<sup>64</sup> Quando estava prestes a atingir o cume, deparou-se com uma matéria de jornal que retratava como "genial" um cavalo de corrida. Ulrich é forçado a admitir que o homem de gênio – sujeito viril, ético, persuasivo, virtuoso, de coração firme, permanentemente disposto a encarar o mundo através das lentes da verdade – jamais existiu senão fora dos liceus e dos livros. E que as estratégias e artimanhas necessárias para se fazer avançar um raciocínio lógico são semelhantes aos movimentos de um corpo bem treinado em combate; de tal modo que entre um matemático, um boxeador e um cavalo de corrida, seria preciso reconhecer que existe uma *força geral de batalha espiritual que permanece fria e sábia* diante das dificuldades e situações improváveis. Uma força capaz tanto de identificar os pontos fracos de um problema ou de um inimigo físico. Em todo caso, conclui ironicamente Ulrich, se a genialidade passava a ser medida pela objetividade dos resultados, era natural um cavalo e um campeão de boxe tivessem vantagem sobre um intelectual.

Mas Ulrich não desiste totalmente da missão e decide investigar se o que fundamentou sua busca pela genialidade, o espírito, realmente existe. Como podemos constatar cotidianamente, "ligado a alguma coisa, o espírito é a coisa mais difundida que existe";<sup>65</sup> assim fala-se de espírito animal, espírito austríaco, espírito empreendedor etc. Mas, o espírito em si, existiria? Haveria um "espírito de espírito", um espírito "anterior às qualidades"?<sup>66</sup> Muitos poemas, ensaios filosóficos, conversas embriagadas, massas de papel e pedra foram dedicados a ele, produzindo um "dispêndio gigantesco de energia nervosa".<sup>67</sup> Mas sempre que procurava por "uma alça por onde se pudesse agarrar o verdadeiro espírito do espírito, o que faltava, talvez apenas o pedacinho que fecha o círculo rompido",<sup>68</sup> algo o remetia de volta ao estado de prostração. Soava improvável que o espírito existisse para além daquilo ao qual se associa, do suporte que registra sua existência, ou da aparência do momento que o torna perceptível. O espírito provavelmente não é mais que algo que "atravessa as pessoas que o gostariam de assumir, e deixa ao passar apenas um leve tremor (...) para onde vai, onde está, quem é ele? Talvez, se soubéssemos mais a seu respeito, tudo se tornasse um abafado silêncio em torno desse substantivo espírito".<sup>69</sup>

Em outras palavras, não há espírito, mas devir. Ulrich abandona qualquer hipótese transcendente sobre o espírito – inclusive aquela que pretende fazer da violência, essa

---

<sup>61</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>62</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>63</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>64</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>65</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>66</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>67</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>68</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>69</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

forma "espiritualizada" de violência, o fundamento natural e absoluto do ser. Em contrapartida, buscará a via imanente. Com Nietzsche, concordará que "o corpo de uma pessoa é a sua alma";<sup>70</sup> e que corpo, enquanto potência de ser, é símbolo. Mas essas reflexões, ao invés de tranquilizá-lo, o angustiam, condenando-o a uma vida apática e obscura.

A lógica irônica do homem sem particularidades, porém, não é suficiente para fazer emergir o devir-símbolo do corpo. Embora fosse interessante, do ponto de vista racional, desconstruir a realidade e imaginar tudo o que se poderia ser, ainda faltava a habilidade de conectar tais possibilidades à potência de ser. Ulrich é outro retrato literário da depressão, que em breve seria eleita o mal do século. Essa condição foi belamente descrita pelo psicanalista Christian Dunker como um conflito entre psiquê e *thymos*. Dunker relembra uma passagem da *Ilíada* em que Ulisses, abandonado pelos companheiros e cercado por gigantes, decide ouvir sua própria alma antes de tomar uma decisão. O que Ulisses escuta escapa à lógica, mas lhe dá força para agir. Ainda que fosse mais terrível ser capturado do que fugir, os maus fogem, enquanto os excelentes resistem corajosamente. O psicanalista destaca que as traduções modernas frequentemente usam "alma" ou "espírito" para duas palavras gregas com sentidos distintos: psiquê e *thymos*. Psiquê significa, literalmente, diafragma ou respiração; assim, quando a paisagem da alma se retrai diante de um cenário sombrio e incerto, a psique enfraquece. O *thymos* fornece a força interior que impulsiona o sujeito a superar o medo, controlar a raiva ou desencadear a paixão sexual, apesar das adversidades. Enquanto a psiquê busca razões, causas e motivos que mudam como a direção do vento e o ciclo das estações, o *thymos* é a fonte da voz que nos lembra quem somos, para onde vamos e como queremos agir. A psiquê provê a cor e a atmosfera, enquanto o *thymos* oferece a forma e a decisão de recomeçar. Por isso, o termo *distímia* é usado para descrever o humor cinza da depressão leve, caracterizado por procrastinação e dificuldade para começar de novo.<sup>71</sup> Falta *thymos* a Ulrich; sua ironia cinza não desperta seu coração do sentimento de impotência. Numa rara passagem franca e dolorosa, Ulrich interroga porque continuava a viver uma vida indefinida, obscura e isolada se sentia poder tornar-se tanto poeta quanto banqueiro, andarilho ou matemático; e conclui:

Sem dúvida, pensou, o que o prendia dentro de uma existência isolada e inominada não era senão a obrigação de afrouxar e amarrar o mundo, designada por uma palavra que não se gosta de ver sozinha: espírito. Nem o próprio Ulrich sabia por que, mas de repente ficou triste, e pensou: "Eu simplesmente não me amo." No corpo frio e petrificado da cidade ele sentiu pulsar, bem no fundo, seu próprio coração. Havia nele alguma coisa que não queria permanecer em lugar algum, que apalpara as paredes do mundo, e pensara: existem outros milhões de paredes; aquela ridícula gota do Eu, que esfriava lentamente, não queria entregar seu fogo à minúscula semente de ardor.<sup>72</sup>

Daí a forte curiosidade que Ulrich sente por Moosbrugger, um sujeito de psiquê frágil e *thymos* vigoroso. Carpinteiro corpulento, cujo rosto Deus marcara com todos os sinais da bondade; homem simples, de origem e educação humildes, trabalhador pacato; sujeito solitário, de pouca conversa; Moosbrugger é também um assassino cruel. Matou

<sup>70</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>71</sup> DUNKER, *Uma Biografia da Depressão*.

<sup>72</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

uma mulher sem remorso e não protestou quando foi preso. Mas ao perceber que seu ato violento corria risco de ser classificado como mero "ato de loucura" vindo de um cidadão "pobre e incapaz" contra uma "mulher duvidosa" – em suma, mais um caso típico de "assassinato sexual" – Moosbrugger passa a se dedicar intensamente para ser condenado. Começa assim uma curiosa disputa pela noção de verdade na justiça.

Em pouco tempo Moosbrugger desenvolve as competências necessárias para uma boa performance no tribunal. Aprendeu o alemão culto e algumas expressões em latim e francês, que ele usava em frases articuladas sobre o fundamento de sua brutalidade. Tornou-se habilidoso em estabelecer encadeamentos causais de forte apelo jurídico. Para rivalizar com a petulância erudita dos juízes, chega a se assumir como um anarquista teórico simpático à social-democracia. E não perdia a chance de provocar os psicólogos, dizendo-lhes que, se realmente acreditassem que ele era louco, deveriam mandá-lo logo para o hospício. Tudo isso lhe rendeu o elogio de "inteligência notável". Mas Moosbrugger desenvolvia seu lado racional exclusivamente para competir "com os dominantes pelo direito de 'decidir' sobre seu destino".<sup>73</sup> Isso acontece "porque, no fundo, não negava seus atos, queria que fossem compreendidos como desgraças numa concepção maior da vida".<sup>74</sup>

Para compreender melhor a estratégia de autoacusação de Moosbrugger, proponho como chave de leitura alguns princípios do romance policial moderno, que Musil antecipa em *O homem sem qualidades*. Luc Boltanski se debruçou sobre essa categoria de romances, e identificou como sendo central para a trama policial a busca pela *solução de mistério*. O que é um mistério? É a manifestação de uma singularidade, mas de tipo específico. Trata-se do evento anormal, que caracteriza a *irrupção do mundo na realidade*. Para Boltanski, o mundo é feito de "tudo o que ocorre (...) e até mesmo tudo o que pode ocorrer – um 'tudo' que não pode ser totalmente conhecido e dominado".<sup>75</sup> A realidade, por sua vez, consiste na estabilização do mundo por meio de formatos preestabelecidos, elaborados e geridos por instituições que possuem estatuto legal ou paralegal. O detetive moderno conhece profundamente a realidade, isto é, a *rede de relações causais* que ordena o mundo conforme leis naturais, regras institucionais e estruturas psicológicas. Portanto, para um grande detetive, poucos crimes são verdadeiramente anormais, e a maioria pode ser compreendida a partir de fatos evidentes, como um assassinato passional em que as partes envolvidas são conhecidas e as intenções são declaradas (por exemplo, o marido que atira na esposa à queima-roupa por ciúme). Em casos como esse, não há *nenhum significado novo a ser atribuído*, e a justiça pode ser feita pelo mero reconhecimento de delito. O romance policial trata somente de mistérios. Por exemplo, em *Cai o Pano* (1975), de Agatha Christie, Hercule Poirot considera anormal justamente o "excesso" de normalidade; ao examinar uma série de crimes comuns sem qualquer correlação aparente, decide começar uma nova investigação simplesmente porque pareciam óbvios demais, a ponto de nenhum investigador levantar qualquer "qualquer tipo de *dúvida real*"<sup>76</sup> ao solucioná-los.

O objetivo de Moosbrugger é fazer a justiça moderna reconhecer a anormalidade de seus crimes; anormalidade que remonta a seu *thymos*, sua força interior que, diante de uma psique frágil, podia impeli-lo tanto ao assassinato de uma prostituta quanto ao

<sup>73</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>74</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>75</sup> BOLTANSKI, *Mysteries and Conspiracies*.

<sup>76</sup> CHRISTIE, *Cai o Pano*, p. 21.



aprendizado das leis. Nesse embate se reencena, agora no plano jurídico, a disputa entre violência organizada e violência passional, entre univocidade e símbolo. O facínora relutava ser condenado univocamente, e por isso o tribunal foi confrontado com

[...] duas táticas lutando entre si, duas unidades e duas consequências lógicas; mas Moosbrugger estava na posição mais desvantajosa, pois nem mesmo alguém mais inteligente do que ele teria podido expressar seus estranhos motivos nebulosos. Eles brotavam diretamente da sua vida desordenada e solitária; e enquanto todas as vidas existem de cem maneiras — vistas pelos que as vivem e pelos que as testemunham — a vida dele, a verdadeira, só para ele existia. Era um sopro que se deforma constantemente, mudando de figura. Verdade que ele poderia ter perguntado aos seus juizes se as vidas deles eram essencialmente diferentes. Mas nem pensava numa coisa dessas. Diante da justiça, tudo o que parecera tão naturalmente encadeado dentro dele ficava lado a lado, de um modo desconexo, e ele se esforçava muito para lhe conferir um sentido que não ficasse, em nada, atrás da dignidade de seus nobres adversários.<sup>77</sup>

Ulrich admira-se do esforço de Moosbrugger, e chega a pedir ao Rei para perdô-lo. Ainda que esteja convicto de que se trata de um caso de demência, Ulrich considera ainda que o assassino representa somente uma “ligação desfigurada dos elementos do nosso ser”, de tal modo que “se a humanidade pudesse sonhar como um todo, teria de surgir um Moosbrugger”.<sup>78</sup> Apesar de toda brutalidade, no interior de Moosbrugger psiquê e *thymos*, símbolo e univocidade, encontravam-se mais próximos que para o resto da sociedade austríaca. Ao fim, Ulrich lamenta que Moosbrugger, que poderia ter sido um homem bom, se encontrasse no ponto errado da história.

Compreende-se melhor agora o que pretendemos dizer ao afirmar que *O Homem Sem Conteúdo* não visava a composição de quadros históricos, mas a descrição de estado de coisas e estados de espírito. Ele resulta da necessidade de fornecer segurança ao pensamento para nossa ação e, ao mesmo tempo, de um sentimento passível de neutralização. Busca-se descrever o modo como cada indivíduo oscila entre a realidade e o mundo. Parte-se do pressuposto de que, se o sentido da realidade depende do apaziguamento das emoções – a frieza compartilhada por empreendedores e juristas –, pelo mesmo motivo, logicamente, “deve existir dentro de nós a possibilidade de sentir de forma inversa e experimentar o mundo de forma diversa!”.<sup>79</sup>

Os anjos possuem uma compreensão mais profunda dos estados de espírito. Musil recorre a Swedenborg – que era capaz falar do céu com tanta confiança como se estivesse falando de Estocolmo e seus habitantes – para explicar que os anjos, apesar de estarem sujeitos a uma “sequência de acontecimentos diversos”, não têm qualquer noção de espaço e tempo. Para eles, a sucessão do tempo, os conceitos de ontem e hoje, nada significam. Há tão somente “modificações de estado, estados”. A eternidade, para os anjos, significa algo diferente do que para nós: é um estado infinito, não um tempo infinito. Pois “o homem pensa a partir do tempo, o anjo a partir do estado; assim, o que nos homens é ideia natural, se transforma nos anjos em ideia espiritual”.<sup>80</sup> A história de ideias é a história vista por anjos.

<sup>77</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>78</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>79</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>80</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

Talvez os anjos percebam com maior facilidade que as diferenças entre Moosbrugger e Ulrich são mínimas, uma vez que “o ser humano é tão capaz de canibalismo quanto de crítica da razão pura; pode realizar as duas coisas com as mesmas convicções e qualidades, quando a situação exige, e diferenças exteriores muito grandes correspondem a diferenças interiores muito reduzidas”.<sup>81</sup> Afinal, Ulrich também sentirá seu *thymos* ressurgir e, simultaneamente, experimentará uma intensa felicidade ligada ao desejo de cometer um assassinato. Sua armadura depressiva será quebrada durante uma conversa franca e tensa com Arnheim, em que confronta o magnata sobre a falsidade de seu interesse pela Campanha Paralela e por Diótima, ocultando seu desejo de controlar campos de petróleo na Galícia. Arnheim, que até então inexplicavelmente desejava fazer de Ulrich uma espécie de herdeiro, o abraça para tranquilizá-lo sobre suas intenções. Nesse momento, a barreira da solidão é rompida, e “por uma brecha, jorra a vida”. Então, ao observar Arnheim tão satisfeito consigo mesmo diante do mundo que controlava, Ulrich compreendeu pela primeira vez o que significava ter consciência de si:

A consciência não consegue ordenar o que há de efervescente e cintilante no mundo, pois quanto mais aguçada, mais ilimitado se torna o mundo. Mas a consciência de si mesmo entra nele como um diretor de teatro, transformando-o numa unidade artística de felicidade. Ulrich invejou aquele homem por sua felicidade. Nada lhe pareceu mais simples naquele instante do que matá-lo, pois, com sua necessidade de imagens plásticas, Arnheim o instigava a representar velhos textos!<sup>82</sup>

## 4. A história do mundo

Vamos resumir agora esquematicamente as diferenças entre história do mundo e história de ideias. Como Boltanski, Musil distingue realidade e mundo.<sup>83</sup> A realidade é composta de acontecimentos redundantes, de ideias estereotipadas, de afetos habituais; ou seja, a realidade corresponde a uma rede de relações causais pré-ordenadas, controladas, produzidas por leis, regras, ordens, tradições históricas etc. Tudo isso entedia Ulrich, que só pode lidar com os fatos de sua época de modo irônico. A realidade, para ele, não passa de “jogo de bilhar”, uma “peça de teatro ruim”.

A história do mundo organiza a sequência de eventos com base em um senso de realidade. Nesse contexto, ela opera conforme um fluxo de tempo unidimensional e contínuo, impulsionado pela causalidade e guiado pelo princípio da causa suficiente. No desenrolar da história, passado, presente e futuro interagem como bolas de bilhar que colidem em sequência, gerando progresso. Entretanto, Musil ironiza, questionando quem teria dado a primeira tacada e iniciado o tempo histórico: Deus ou o Homem? O historicismo se divide em duas correntes, a progressista e a realista, que enxergam o futuro como um campo de progresso ou apenas como uma série de retratos da realidade, respectivamente. A força causal que impulsiona as colisões entre esses “momentos” pode ser benéfica ou meramente natural.<sup>84</sup>

Mas observemos a realidade de perto, convida Musil. Nela, sempre há muitas coisas acontecendo simultaneamente. Todos os dias surgem novos fatos, ideias e pessoas

<sup>81</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>82</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>83</sup> Ainda que, em *O homem sem qualidades*, os termos apareçam como sinônimos frequentemente.

<sup>84</sup> Sobre a força causal na obra, ver: PAYNE, *Robert Musil's The Man Without Qualities*.

prometendo mudar os rumos da história: uma nova pandemia assola a África; começa um conflito armado no Oriente Médio; a aviação bate novo recorde; as bolsas caem pelo oitavo dia seguido; os índices da fome atingem o pior nível desde 1990; um terrível terremoto devasta o Japão; surgem rumores do mais novo chip quântico; "um boxeador negro batera um campeão branco, chamava-se Johnson. O presidente da França ia para a Rússia; falava-se em ameaça à paz mundial".<sup>85</sup>... Todos os dias algo de "histórico" acontece – ao menos para quem dá importância para a interpretação em tempo real da história. No entanto, na melhor das hipóteses, mal lembramos o que realmente aconteceu há cinco anos e, então, tudo podia ser resumido simplesmente: "o novo remédio contra a sífilis fazia...; na pesquisa do metabolismo vegetal tinham-se...; as experiências de Steinach causavam...; dessa maneira podia-se *deixar fora metade da certeza*, e não teria maior importância".<sup>86</sup>

Por que seria possível deixar fora metade da certeza? Para Musil, a história do mundo, ao se concentrar nas "ações heroicas", isto é, nas ações supostamente dotadas de grande força de causação, é falsa, porque ignora a soma social das atividades cotidianas. Como já sugerimos, as pequenas atividades cotidianas põem mais energia no mundo que as ações heroicas pontuais, porque cabe a elas sustentar a realidade no mundo, isto é, produzir o efeito de redução das possibilidades do real. Afinal, comenta Musil, é perfeitamente possível "eliminar ou substituir muitas coisas na realidade, sem que surja com isso um mundo onde os homens não possam mais viver. Há muita coisa capaz de realidade e de mundo que simplesmente não se encontra num determinado mundo e realidade".<sup>87</sup> O herói, se quiser de fato transformar o mundo, precisará andar nesses caminhos estreitos da realidade e confiar num número desconhecido de coisas, ideias e pessoas sem as quais sua ação forçosamente sucumbiria.<sup>88</sup> O que faz lembrar da hipótese de Duchamp, que sugeria, com uma ironia tipicamente musiliana, que muito provavelmente a história da arte é feita de artistas medíocres, e que os melhores artistas do passado permaneceram desconhecidos e suas obras não deixaram vestígios.

A função da realidade é tornar a relação com o mundo segura e previsível, permitindo reduzir a experiência de mudança a algumas ninharias pessoais; o que é agradável a maioria, ainda que cause desconforto às pessoas independentes. A realidade depende ainda de certa sobriedade, "de um estado de sentimento contínuo e repetido que possibilita a compreensão da realidade e é de hábito tão pouco visível quanto o ar que

---

<sup>85</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>86</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>87</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>88</sup> "Ou como coloca Bruno Latour: Por que exércitos temíveis desaparecem em questão de semanas? Por que impérios formidáveis como o soviético desabam em poucos meses? Por que empresas multinacionais vão à falência depois do quarto balancete? Por que essas mesmas empresas, em menos de dois semestres, saem do vermelho com um lucro espetacular? Por que cidadãos pacatos se transformam em massas revolucionárias, ou multidões agressivas de repente começam a festejar como cidadãos livres? Por que um indivíduo preguiçoso parte de súbito para a ação, ao receber uma notícia qualquer? Por que um músico acadêmico cede inesperadamente à tentação dos ritmos agitados? Generais, editores, administradores, observadores e moralistas costumam dizer que essas mudanças repentinas apresentam uma espécie de qualidade líquida impalpável. Não quer dizer que a sólida arquitetura da sociedade esteja desabando, que o Grande Leviaã tenha pés de barro, mas que Leviaã e sociedade circulem por canais tão estreitos que, para serem ativados, precisam confiar num número desconhecido de ingredientes oriundos do plasma à sua volta" (LATOURE, *Reagregando o social*, p. 349).

respiramos”.<sup>89</sup> Diante da realidade, “precisamos tanto quanto possível deixar de lado nossos sentimentos”.<sup>90</sup> As perturbações das emoções colocam em risco a realidade. Nesse sentido, a história do mundo descreve, sem sabê-lo, o processo de embotamento dos sentidos, a anulação recíproca de sentimentos remanescentes, ou ainda, o favorecimento de um “grupo de sentimentos frios que (...) favorecem o próprio conhecimento”.<sup>91</sup> Daí a naturalidade com que os historiadores do mundo falam dos 17 milhões de assassinados pelo Nazismo, seguros de que essa abstração não é capaz de produzir neles um profundo estado de terror que poderia colocar em risco a objetividade de seus estudos.

Todavia, nas grandes cidades e grandes massas coletivas, em que os fatos e experiências particulares estão sempre prestes a se perderem no conjunto impessoal das relações, como a realidade poderia tomar forma? Se somos atores ou testemunhas da história, ou se algo realmente aconteceu, não importa, à medida que as ações e as teses se processam sempre noutra lugar, segundo uma lógica que na maioria das vezes desconhecemos – o que para nós, contemporâneos, deve soar ainda mais óbvio à medida que até a socialização é mediada por algoritmos. No mundo moderno, o que acontece acaba obliterado pela possibilidade do que ocorreu de tal maneira, mas poderia ter ocorrido de outra. O significado geral e particular, sem base factual que o sustente, só pode ser buscado na extensão do possível. Assim, conclui Musil,

O que chamamos de realidade é uma utopia. A história, tal como nós a representamos e acreditamos viver, com sua sucessão de incidentes tranquilamente linear, exprime apenas nosso desejo de nos agarrar a coisas sólidas, a acontecimentos incontestáveis, desenvolvendo-se numa ordem simples de que a arte narrativa, a eterna literatura das amas-de-leite, põe em destaque e em proveito da ilusão atraente.<sup>92</sup>

Daí a curiosa intuição de Musil de que a persistência da noção de realidade e de história linear, causal e sucessiva se deve, na verdade, à persistência de dois elementos: do dinheiro, a única operação que se repete e permite fundamentar uma lógica de ordenação; e, em função dele, a apatia diante da circulação do dinheiro, que maneja as possibilidades das coisas e as potencialidades de ser.

Se quisermos distinguir entre si as pessoas com senso de realidade e senso de possibilidade, basta pensar em determinada quantia de dinheiro. Tudo o que mil marcos contêm em possibilidades está ali contido, sem dúvida, não importa se possuímos os mil marcos ou não; o fato de o Sr. Eu ou o Sr. Você os possuírem acrescenta tão pouco aos mil marcos quanto acrescentaria a uma rosa ou uma mulher. Mas um louco os enfiará na meia, dizem as pessoas realistas, e um empreendedor há de realizar alguma coisa com eles; até a beleza de uma mulher sofrerá indubitavelmente acréscimo ou perda segundo quem a possua. É a realidade que traz as possibilidades, e nada mais errado do que negar isso. Mesmo assim, no total ou na média serão sempre as mesmas possibilidades repetidas, até chegar uma pessoa para a qual uma coisa real não signifique mais do que o imaginado. Será ela quem dará sentido e destinação às novas possibilidades, que há de provocar.<sup>93</sup>

<sup>89</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>90</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>91</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>92</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>93</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

## Conclusão: a história de ideias

Assim sendo, a história do mundo deixa de fora "metade da incerteza", e isso inclui toda gama de sentimentos contraditórios que afloram sem, contudo, poder deixar sua marca ou influência no curso das ações. Em contrapartida, na composição de quadros históricos, a história de ideias almeja descrever um estado de coisas e de espírito. Isso a leva a enfatizar o conflito entre a sobriedade racional e uma *resistência original* do ser a tudo que toma a forma apaziguada de realidade, como "um cachorro que persegue uma bicicleta, e morde só de brincadeira, (...) existe na atitude para com o que é vivo e móvel, e rola diante da gente, mudo, ou que dispara silencioso, uma secreta aversão contra a criatura que está feliz".<sup>94</sup>

Andando pelas ruas de Viena, ainda sob o impacto dos raios solares que, ele percebe, afetam-no cada vez menos à medida que envelhece, Ulrich sente-se tomado pela suspeita de que as manifestações falsas, levianas e impessoais são mais intensas que as íntimas e essenciais. O homem sem particularidades revolve sobre o tema da inessencialidade de tudo, a suspeita de que, se tudo que fazemos e sentimos fluem na "direção da vida", esse fluir percorre necessariamente os caminhos estreitos das "divisões e formas pré-configuradas da vida (...) que a desconfiança sente com tanta nitidez, a mesmice, o que já foi preparado por gerações inteiras, a linguagem pronta, não apenas da boca, mas das sensações e percepções".<sup>95</sup> Ulrich então se detém por alguns segundos diante de uma igreja, que bastam para o dilacerarem em suas profundezas, comprimindo "seu coração com toda a *resistência original* que sentimos contra esse mundo cristalizado em milhões de toneladas de rocha, essa hirta paisagem lunar da emoção, em que fomos colocados sem poder reagir".<sup>96</sup>

A essa resistência original demos o nome de *thymos*. A história de ideias, como vimos, se baseia na hipótese de mudança de estados. Os anjos compreendem a história não do ponto de vista de uma sequência temporal de nexos causais, mas enquanto formação de novos agregados, associações, conexões de singularidades. Desse modo, a história já não equivale ao jogo de bilhar, antes "assemelha-se ao trajeto das nuvens, ao caminho de alguém que vagabundeia pelas ruelas, distraído-se aqui com uma sombra, ali com um grupo de pessoas, ou o contorno diferente de uma fachada, por fim chegando a um ponto que não conhecia, nem queria atingir. No curso da história mundial há um certo 'perder-se por aí'".<sup>97</sup>

Assim como a descrição de um estado de espírito deve contemplar tanto afetos dominantes quanto os contraditórios e impotentes – no caso da modernidade, a violência e a apatia, em torno dos quais não cessa de proliferar arroubos de erotismo, frágeis expressões de amor etc. –, cabe à história de ideias mostrar também o acumulado de pensamentos. "Na verdade, naturalmente mais da metade da vida consta, não de ações, mas de teses cujas ideias assimilamos, de opiniões e objeções, da impessoalidade acumulada de tudo o que se ouviu dizer ou se sabe".<sup>98</sup>

<sup>94</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>95</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>96</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>97</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>98</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.



Do ponto de vista da história de ideias, a história universal ocorre como todas as outras histórias. Faltam ideias inovadoras, e os autores se copiam mutuamente, sendo esse o motivo dos políticos estudarem história em vez de biologia. Nesse sentido, ela pressupõe que a maior parte da história acontece sem a intervenção direta dos autores, emergindo da periferia e de pequenas causas. De tal modo que, do mesmo modo que o ser humano é capaz tanto de canibalismo quanto de razão crítica, "provavelmente nem é preciso tanto quanto se imagina para transformar o homem gótico ou o grego antigo no moderno homem civilizado".<sup>99</sup>

Nesse esteio, também as ideias não são consideradas como um conjunto ordenado de proposições lógicas, mas como *desencadeadores de acontecimentos*. Embora se possa verificar pontualmente a contribuição concreta de uma ideia para o curso da história, na maior parte das vezes seu efeito é catalisador. As ideias desencadeiam agregados, associações, estados de espíritos muitas vezes imprevisíveis e sem qualquer correlação com o que ela havia projetado. Qualquer estudioso sabe que o significado do mais simples verbete seria impossível de fixar caso fosse necessário harmonizar tudo aquilo que foi escrito sobre ele; e por esse motivo seria perfeitamente possível provar que Musil é e não é um niilista. Ainda assim, damos como certa a influência do niilismo no curso da história. A esse respeito, Ulrich considera, ironicamente, que o curso da história é comandado pelo *princípio da razão insuficiente*. Grandes ideias como patriotismo, nacionalismo, democracia, mundo ocidental, niilismo etc., em sua visão, "não contribuem com nada materialmente, mas desencadeiam os acontecimentos. Da história o senhor deve saber disso, pois que nunca existiram a verdadeira fé, a verdadeira moral e a verdadeira filosofia; mesmo assim as guerras, perversidades e ódios causados por elas transformaram o mundo de maneira fecunda".<sup>100</sup>

A história de ideias, apesar do título, não considera as ideias do ponto de vista de sua univocidade, repetitividade e solidez, que servem de base para o êxito do pensamento e do planejamento. Ela as aborda do ponto de vista de seu efeito no *thymos*, sua potência deflagradora, sua dimensão corpórea e simbólica. Sua capacidade de produzir alterações nos estados de coisas e estados de espírito. Pois até mesmo as grandes ideias possuem corpo e alma, "um corpo que, como o do ser humano, é compacto mas transitório; e de uma alma eterna, que é o seu significado, mas que não é compacta, e se desmancha em nada a cada tentativa de abordá-la com frias palavras".<sup>101</sup>

Dentre as grandes ideias examinadas por *O homem sem qualidades*, está o espírito, que como vimos é improvável que exista para além dos livros e telas dedicadas a ele, ou fora da aparência de intensidade do devir das coisas e seres a que ele é associado. O espírito, fora de qualquer perspectiva transcendental, se confunde com o próprio movimento de constituição e descrição de um estado de coisas e de espírito; em si, representa esse "estado de fusão através do qual o eu parte para amplidões infinitas, e, vice-versa, as vastidões do mundo entram no eu, e não se pode mais reconhecer o que é nosso e o que é do infinito".<sup>102</sup>

O espírito, para Musil, é o devir. Por isso, não cessa, de confundir, separar, religar conceitos. Rejeita tudo que parece definitivo, como as leis, grandes ideais e o caráter satisfeito. Não há moral ou ordem que o determine, e nada, nem mesmo o eu, é sólido

<sup>99</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>100</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>101</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>102</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

para o espírito. Seu corpo se expande pelas bordas, “afastando-se do seu interior. Incontáveis conceitos, opiniões, pensamentos reguladores de todas as zonas e épocas, de todas as formas de cérebros sadios e doentes, lúcidos e sonhadores, repassam-no como mil nervinhos sensíveis, mas o ponto de irradiação onde se reúnem não existe”.<sup>103</sup> Essa ausência de centro, esse modo de existência imanente à aparência e ao fluxo, é o que caracteriza o devir. Assim, a história de ideias parte do pressuposto que, à luz do devir da história, todo aumento de poder culmina em impotência progressiva; e o conhecimento, à medida que se expande rumo à ignorância, tem valor temporário. A história de ideias é a história da reversibilidade de tudo.

Daí o embate feroz, ao mesmo tempo terno, entre dois solitários inveterados: Arnheim, representante do dinheiro e da realidade, e Ulrich, representante do espírito e das ideias. Arnheim teria gostado de ser assassinado por Ulrich como nos velhos dramas teatrais, preferencialmente com um punhal; já Ulrich, por sua vez, teria cogitado brevemente tornar-se funcionário de Arnheim, para ter um cargo e dinheiro que pusessem fim a sua aventura espiritual. Ambos se veem no outro, observando resplandecer suas diferenças e semelhanças. Diante de Ulrich, Arnheim se sente mais seguro do que nunca com relação à civilização ocidental, sua “maravilhosa trama de forças e inibições”; mas não consegue afastar a ideia de tornar Ulrich seu filho e herdeiro. E Ulrich, diante dele, experimenta pela primeira vez a sua própria presença “parada, meio clara, meio escura, como rasgos de paixão conferidos pela disparidade da luz”, embora lamentasse ter que agir como um mau ator por conta da inveja que sente da felicidade de Arnheim. Dessa forma, ambos, sem conseguir “articular claramente” suas ideias ou dar forma ao impulso de uma “vaga emoção”, não tomam nenhuma atitude. A desimportância da Ação Paralela está preservada. E a multidão das ruas pode prosseguir “como areia trazida por uma onda que movesse seus corpos (...) o futuro mandava à frente uma onda, misturando as pessoas num ato criativo que as transcendia, mas numa confusão muito vaga e negligente, como sempre”.<sup>104</sup>

Enquanto Arnheim e Ulrich flutuam, paralelamente, rumo à univocidade ou ao símbolo, um general idiota, inspirado pela beleza de Diótima, suspira diante de sua época, que segundo ele é, do trânsito de pedestres à igreja e aos bailes, “a mais ordenada de todas”. Ele decide ir à biblioteca para impressioná-la, contribuindo para a Ação Paralela com a ideia mais importante e salvadora de todas. No entanto, ao perceber que ninguém, nem mesmo o bibliotecário, havia organizado os livros de forma que se pudesse determinar a ideia mais importante, e que, no final das contas, seriam necessários pelo menos dez mil anos para ler todos aqueles livros, o General é tomado por uma imaginação febril: se o destino de cada grande ideia é impor uma ordem maior que a precedente, logo, seria possível imaginar uma linha crescente, da organização do quarto de uma solteirona a algo grandioso como uma bragada em linha em batalha e além, até culminar numa ordem civil perfeita, uma ordem humana total e universal. Nesse ponto, ele concluiria: “eu afirmo, essa é a morte pelo frio, a rigidez cadavérica, uma paisagem lunar, uma epidemia geométrica!”.<sup>105</sup> Pois em outra passagem da obra – que, examinada de perto, é mais um exemplo de “fim possível” para o romance inacabável – esse mesmo general idiota, talvez

---

<sup>103</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>104</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>105</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

cansado de toda a conversa inteligente entre Ulrich e Arnheim, protestará apontando que se está “falando de maneira excessivamente espiritual!” e passará a questionar se

[...] o espírito não é simplesmente dispensável. Pois se devo tratar o ser humano com esporas e rédeas, como a um animal, é preciso que também eu carregue em mim algo de animal, porque um bom cavaleiro é mais chegado à montaria do que, por exemplo, à filosofia do Direito! Os prussianos designam isso como o canalha que cada um de nós traz dentro de si, e eles o dominam com um espírito espartano. Eu, como general austríaco, prefiro dizer: quanto melhor, mais bonito e organizado for um Estado, tanto menos se precisa de espírito dentro dele, e, num Estado perfeito, não se precisa de nenhum! Considero isso um paradoxo muito complicado.<sup>106</sup>

Ao que Ulrich responde, ironicamente como de praxe, com uma citação do marechal prussiano e teórico da guerra Helmut Von Moltke, que teria dito “que as mais nobres virtudes do homem, a coragem, renúncia, lealdade ao dever, espírito de sacrifício, só se desenvolvem na guerra e que, sem guerra, o mundo afundaria necessariamente num materialismo insensível”.<sup>107</sup>

---

<sup>106</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

<sup>107</sup> MUSIL, *O homem sem qualidades*.

## Referências

- ANTER, Andreas. The Occasionalist Society in Robert Musil's Novel. *Eurostudia*, v. 9, n. 1, CCEAE, pp.1-11, 2014
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, pp. 197-221, 1994.
- BERARDI, Franco 'Bifo'. *Heroes: Mass Murderer and Suicide*. Londres: Verso Books, 2016. Edição Kindle.
- BLANCHOT, Maurice. *O Livro por Vir*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BOLTANSKI, Luc. *Mysteries and Conspiracies: Detective Stories, Spy Novels and the Making of Modern Societies*. Cambridge: Polity Edition, 2014. Edição Kindle.
- CASTRO, Érica G. Sobre o ensaísmo de Robert Musil. *Pandaemonium Germanicum*, n. 17, pp. 103-117, 2017.
- CHRISTIE, Agatha. *Cai o Pano*. Trad. Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz. *Uma biografia da depressão*. São Paulo: Planeta, 2021.
- GRILL, Genese. *The World as metaphor in Robert Musil's The Man Without Qualities: possibility as reality*. Rochester: Camden House, 2012.
- JOHNSTON, William. *The Austrian mind: an intellectual and social history, 1848-1938*. Los Angeles: University of California, 1972.
- LATOURE, Bruno. *Reagregando o Social: Uma Introdução à Teoria do Ator-Rede*. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador: EdUFBA, 2012.
- MEHIGAN, Timothy. *The Critical Response to Musil's The Man Without Qualities*. Nova York: Camden House, 2003.
- MUSIL, Robert. *Five Women*. Nova Iorque: First Verba Mundi, 1999.
- MUSIL, Robert. *O homem sem qualidades*. Trad. Lya Luft e Carlos Abbenseth. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. Edição Kindle.
- MUSIL, Robert. *Precision and Soul: Essays and Addresses*. Chicago: Chicago University, 1990.
- PAYNE, Philip. *Robert Musil's The Man Without Qualities: a critical study*. Cambridge: Cambridge University, 2009.
- ROSENFELD, Kathrin. Musil's idea of poetic mastership and responsibility or: Törless as his first attempt to become a serious writer. *Pandaemonium Germanicum*, v. 15, n. 19, pp.17-48, 2012.

SCHORSKE, Carl E. *Fin-de-Siecle Vienna: Politics and Culture*. Nova York: Vintage Books, 1980.

SEBASTIAN, Thomas. *The Intersection of Science and Literature in Robert Musil's The Man without Qualities*. Nova York: Camden House, 2005.

VIRILIO, Paul. *The Unknown Quantity*. Paris: Fondation Cartier pour l'art contemporain, 2003.



## **SOBRE O AUTOR**

### **Victor Hermann**

Possui Doutorado em Literatura, Outras Artes e Mídias pela Universidade Federal de Minas Gerais (2020), Graduação em Artes Visuais (2010) e Mestrado em Artes (2014) pela mesma instituição. Atualmente, atua como pesquisador independente nas áreas de Estudos do Antropoceno, Catástrofe, Teoria da Literatura, Arte Contemporânea, Estética na Era Digital e Literatura e Filosofia. Sua tese de doutorado, intitulada *Zona cinza: como perceber a catástrofe?*, examina a percepção de catástrofes e investiga como a literatura e as artes visuais podem contribuir para sua elaboração. E-mail: [hermann.victor@gmail.com](mailto:hermann.victor@gmail.com).